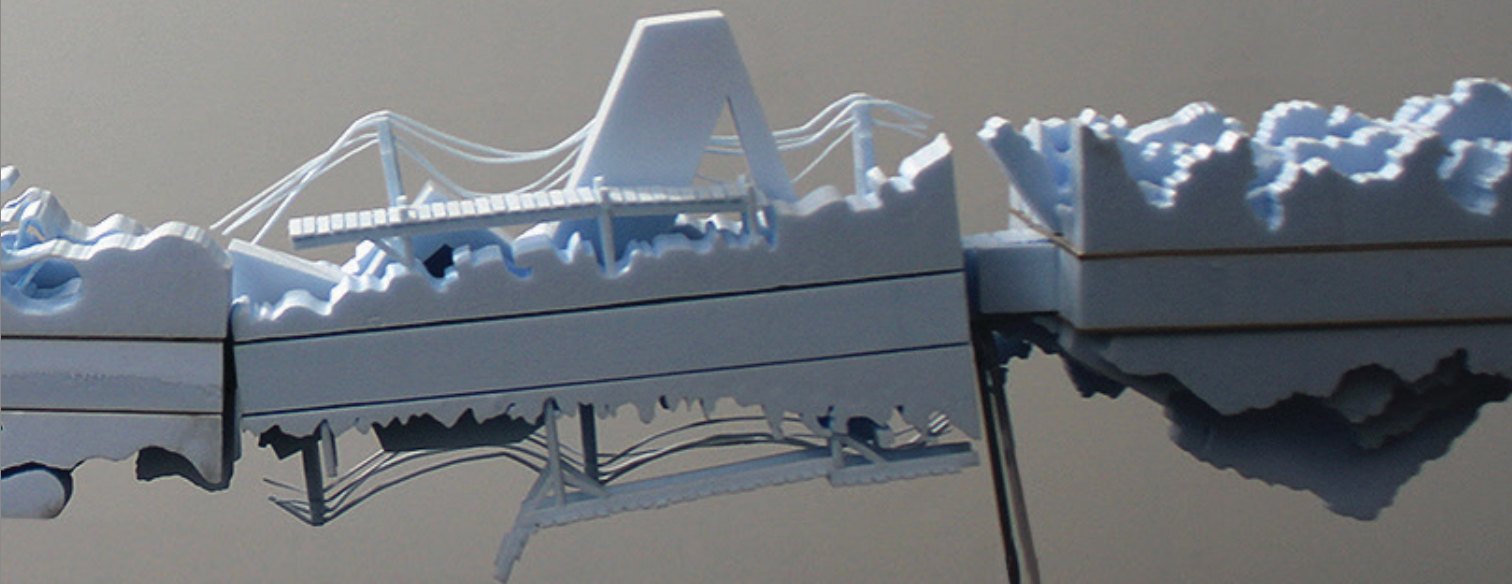


# A ÁGUA COMO PATRIMÓNIO

EXPERIÊNCIAS DE REQUALIFICAÇÃO DAS CIDADES  
COM ÁGUA E DAS PAISAGENS FLUVIAIS

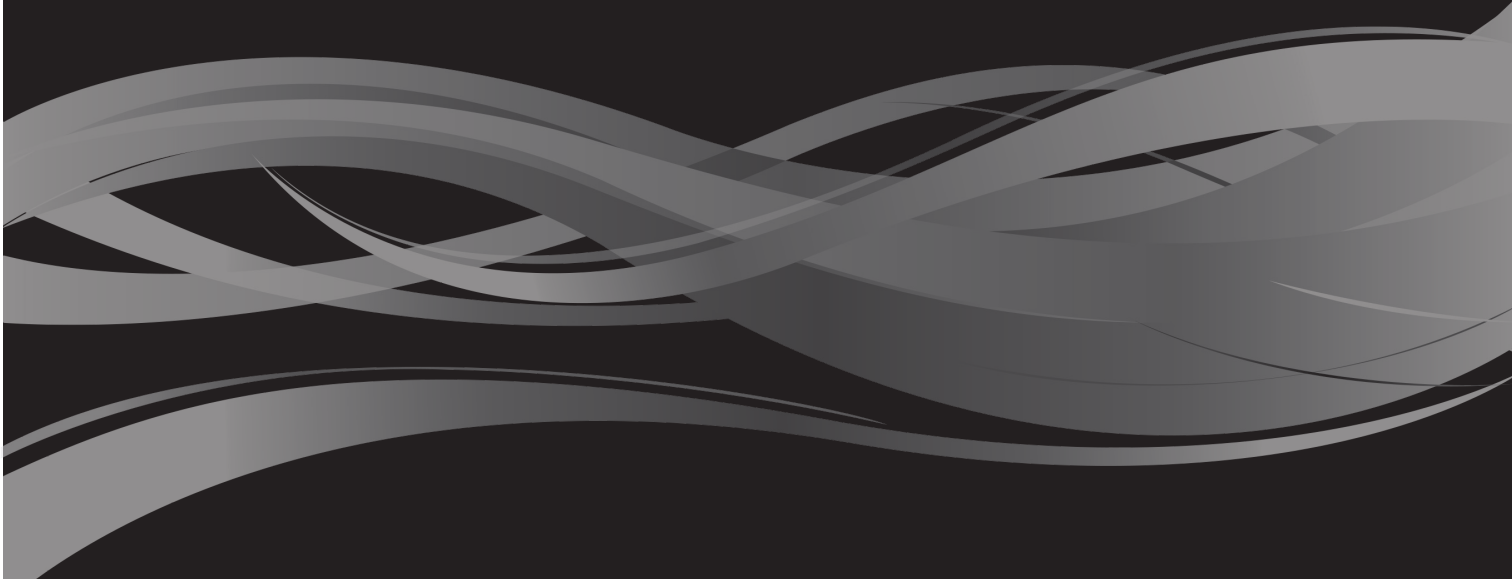
PAULO PEIXOTO  
JOÃO PAULO CARDIELOS  
(ORGS.)

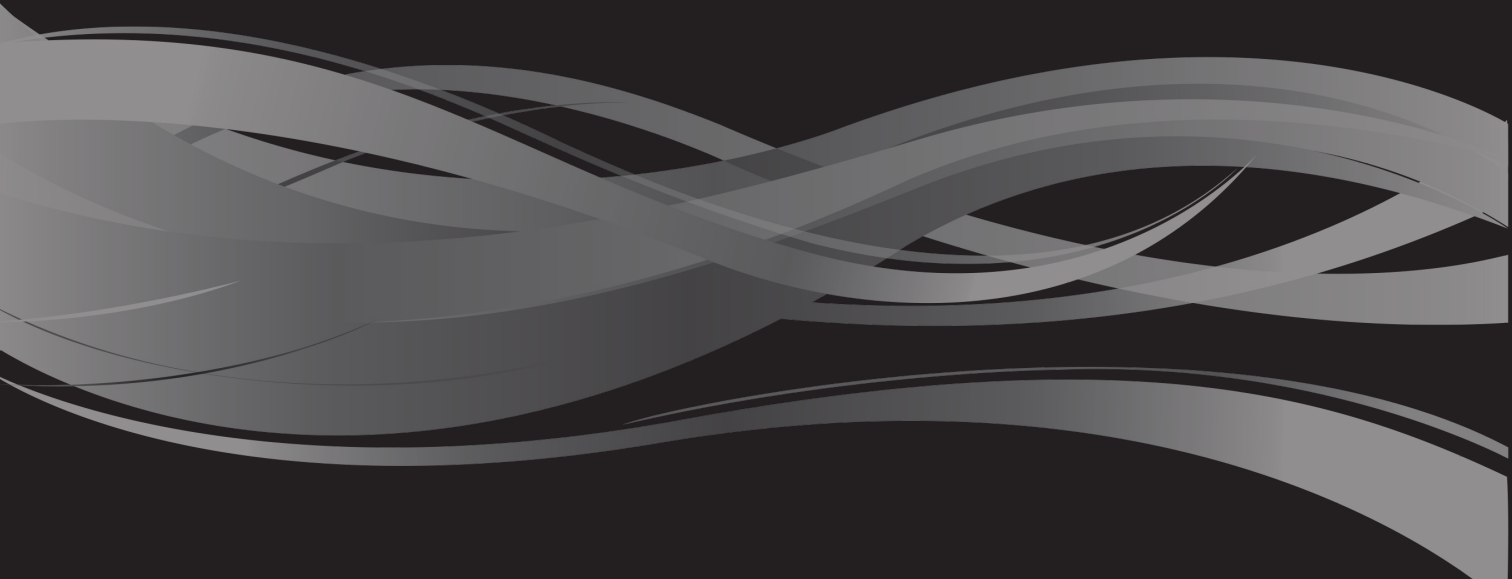
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# Considerações finais

PAULO PEIXOTO





Esta obra resulta de um projeto internacional, desenvolvido em 4 países. Trata-se de uma versão em português, revista e abreviada, do livro “Acqua come patrimonio – Esperienze e *savoir faire* nella riqualificazione delle cita d’acqua e dei paesaggi fluviali” (organização de Romeo Farinella, editora Aracne, Roma). Está dividida em 3 partes. Numa primeira parte é enunciada a problemática. Na segunda parte, sob a forma de Atlas, é feito um diagnóstico dos 4 territórios. Por fim, na terceira parte, apresentam-se os 4 projetos de intervenção, consubstanciando ideias e propostas concretas para os territórios abrangidos pelo projeto.

Inseridos em contextos muito díspares, sob vários pontos de vista, e enquadrados em escalas, também elas, muito diferenciadas, os 4 territórios são estudados e problematizados a partir de uma perspectiva comum. A água, sob as diversas formas em que está presente em cada um dos territórios, é encarada como um instrumento de planeamento urbano, de modo a facilitar abordagens metodológicas e a comparação de experiências que fomentem oportunidades de requalificação territorial a partir de intervenções baseadas na presença da água.

A conceção e o desenvolvimento do projeto que sustenta esta obra empresta-lhe um caráter *sui generis* que consideramos enriquecedor. Porque envolveu um vasto número de pessoas, misturando o olhar académico, o olhar técnico, o olhar político e olhar cidadão. Porque privilegia uma leitura integrada dos territórios, evitando abordagens meramente estéticas, lúdicas ou exclusivamente centradas num determinado ponto de vista, permitindo, por essa via, problematizar a água como instrumento de planeamento regional e urbano. Ou porque, sem esgotar os argumentos, incrementou uma prática interdisciplinar, globalmente considerada pelos participantes como um eixo fértil de produção e de difusão de conhecimento.

Um dos maiores desafios, e poder-se-ia acrescentar dos maiores dramas, das civilizações urbanas em que vivemos é a relação individual e coletiva que mantemos com a água. Situação que é transversal e abrangente, envolvendo pessoas em condições sociais muito diferenciadas e países com níveis de desenvolvimento muito díspares. A água é o maior desafio civilizacional dos nossos dias. E se esse desafio não se faz mais presente é porque, paradoxalmente, a água é, para muita gente, um elemento visualmente omnipresente. Esse paradoxo pode ser ilustrado se retivermos o exemplo de uma metrópole como São Paulo, onde milhões de pessoas circulam e permanecem, presas no tráfego, quotidianamente, nas margens de um dos rios que atravessam a cidade. Para, à mínima anomalia pluviométrica, se darem conta das necessidades de racionamento e terem que enfrentar mudanças de comportamentos de usos para os quais não estão nem sensibilizadas, nem preparadas. Tanta água e sem água.

Diversos organismos internacionais introduziram há muito as questões da água nas suas agendas e nas suas prioridades. Desde que a ONU organizou, em 1977, a Conferência da Água, vários eventos se seguiram perseguindo objetivos semelhantes. A UE, como esta obra revela, nascendo o projeto que está por trás deste trabalho dessa orientação, tem ela própria vindo a consolidar uma política abrangente para a água. Aqui e ali, multiplicam-se os eventos que sensibilizam as pessoas para a importância civilizacional da água. Ainda que estes eventos não obedeçam a uma lógica meramente comemorativa ou simbólica, a questão essencial não é de sensibilização para a pluralidade de problemas ligados

à água. A questão essencial passa por introduzir as questões da água no cotidiano das pessoas. Sobretudo daqueles que a usam como não deveriam usar. Por isso se torna tão importante converter a água num instrumento incontornável de planeamento urbano e regional.

A acesso a água potável – que é uma miragem para milhões de pessoas; viver quase exclusivamente para garantir quotidianamente a água indispensável à sobrevivência – como acontece com milhares de mulheres e crianças obrigadas a calcorrear diariamente muitos quilómetros; a morte dos rios – que se tornou um fenómeno global – devido à poluição, ao desenvolvimento ou ao crescimento urbano; as alterações climáticas e os seus efeitos nos ciclos da água, na produção agrícola e nas reservas sólidas do Planeta – que estão em vias de agravar uma catástrofe que se anuncia; são, todas elas, questões mediáticas e prementes. Muitas vezes parecem ser apenas o problema de alguns. Tanto mais que nos países mais desenvolvidos a água entrou, nas últimas décadas, numa dimensão patrimonial e paisagística. Este estatuto, por um lado, renova e reinventa as funções sociais da água, mas, por outro lado, insere-a também numa dimensão de extraordinariedade e de espetacularização que não é propícia a uma gestão integrada da água. Os eventos e os equipamentos que alimentam este novel estatuto da água, por regra, estão localmente enraizados e obedecem a uma lógica concorrencial que os afasta da função primordial que a água sempre teve como formatadora de territórios que partilham um destino comum. É esse o seu *ethos* patrimonial.

O projeto desenvolvido e os 4 casos estudados não têm a ambição de discutir todas estas questões. Na sua imensa diversidade, o que os 4 casos nos mostram é uma história comum de interesse recente pela água e pelas paisagens fluviais enquanto instrumento de planeamento, contrastando com um trajeto, mais ou menos longo, de profunda transformação, mas também de menosprezo, negligência e maus-tratos. Os 4 casos partilharam também, pela mobilização de agentes diversos, esse esforço de inscrição no quotidiano das pessoas dos desafios inerentes à água, da relação da água com a memória coletiva, da importância da água para o *ethos* local e o seu papel no domínio da requalificação e da regeneração urbana. Porque a água será, pelo menos tanto quanto foi no passado, um elemento estruturante das nossas vidas, este livro procura lançar algumas pontes para o futuro, ambicionando que as problemáticas levantadas e as sugestões deixadas possam ter relevância local, sendo ao mesmo tempo inspiradoras para pensar outras realidades.